

A contribuição das narrativas de bell hooks para a formação de professores

The contribution of bell hooks' narratives to teacher training

La contribución de las narraciones de bell hooks a la formación docente

1

Izabel Espindola Barbosa¹
Tânia Micheline Miorando²
Valeska Fortes de Oliveira³

Resumo: A formação de professores amplia espaços democráticos ao ser atravessada pelas lutas que avançam para a sala de aula, pelas docências que transgridem. A professora Gloria Atkins passou uma vida como transgressora de espaços não feitos para mulheres negras. Hoje, jovens trilham seus passos, leem suas histórias e citam suas orientações. Temos por objetivo convidar para a discussão sobre bell hooks na formação de professores, apresentando suas narrativas e experiências de vida como chamamento às mulheres em formação para a docência, implicadas na luta por uma educação das relações étnico-raciais. Metodologicamente, revisitamos a produção bibliográfica de bell hooks, percorremos suas escritas e aproximamos as questões étnico-raciais à vontade de rever os princípios formativos para a formação docente. Considerando que apenas estamos no início deste compromisso, as leituras e debates feitos em aulas de licenciaturas podem vir a encorajar muitas/os professoras/es a assumir uma condição antirracista em suas aulas.

Palavras-chave: Formação de Professores. bell hooks. Educação das Relações Étnico-Raciais.

Abstract: Teacher training expands democratic spaces when it is permeated by struggles that advance into the classroom, by teachings that transgress. Professor Gloria Atkins spent her life as a transgressor of spaces not made for black women. Today, young people follow in her footsteps, read her stories and cite her guidance. Our goal is to invite discussion about bell hooks in teacher training, presenting her narratives and life experiences as a call to women in teacher training, involved in the struggle for an education of ethnic-racial relations. Methodologically, we revisit bell hooks' bibliographical production, examine her writings and bring ethnic-racial issues closer to the desire to review the formative principles for teacher training. Considering that we are only at the beginning of this commitment, the readings and debates held in undergraduate classes may encourage many teachers to adopt an anti-racist stance in their classes.

Keywords: Teacher Training. bell hooks. Education of Ethnic-Racial Relations.

¹ Doutoranda em Educação (UFSM). Técnica Administrativa em Educação (IFFar). Filiada a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros ABPN. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6519-3144>. espindolabarbosa.izabel@gmail.com

² Doutora em Educação (UFSM). Professora do Departamento de Educação Especial e do Programa de Pós-graduação em Educação (UFSM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2934-5478>. tania.miorando@ufsm.br

³ Doutora em Educação (UFRGS). Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (UFSM). Líder no CNPq do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8295-1007>. vfortesdeoliveira@gmail.com

Resumen: La formación docente amplía los espacios democráticos cuando está permeada por luchas que avanzan en las aulas, por enseñanzas que transgreden. La profesora Gloria Atkins ha pasado su vida transgrediendo espacios que no están hechos para las mujeres negras. Hoy en día, los jóvenes siguen sus pasos, leen sus historias y citan su guía. Nuestro objetivo es invitar a la discusión sobre bell hooks en la formación docente, presentando sus narrativas y experiencias de vida como un llamado a las mujeres en formación para la docencia, involucradas en la lucha por una educación de relaciones étnico-raciales. Metodológicamente, retomamos la producción bibliográfica de bell hooks, recorrimos sus escritos y abordamos cuestiones étnico-raciales con el deseo de revisar los principios formativos para la formación docente. Considerando que estamos apenas al inicio de este compromiso, las lecturas y debates realizados en las clases de grado pueden animar a muchos docentes a adoptar una postura antirracista en sus clases.

Palabras-clave: Formación Docente. bell hooks. Educación de las Relaciones Étnico-Raciales.

Submetido 02/05/2025

Aceito 27/07/2025

Publicado 05/08/2025

Todo começo é uma transgressão

As contribuições de bell hooks para a educação das relações étnico-raciais (ERER) e feminismo são perceptíveis há alguns anos no Brasil. Entretanto, a professora Gloria Jean Atkins (1952-2021) transcorreu, com base feminista e negra, outros campos, como os estudos culturais dentro da academia, assim como o cinema, que de seu interesse pessoal, perpassava suas pesquisas e estudos. Também as obras de literatura infantil que bell hooks publicou para tratar a temática étnica desde as infâncias, de uma maneira colorida destacando o que por muitos é estereotipado - mostrando os cabelos crespos ou o menino que gosta de dançar.

Essa professora que tencionava entre tantos saberes e questionava os lugares - todo e qualquer - imputados na sociedade estadunidense, pouco é tratada, especificamente, na formação de professores. Tensões que questionaram por anos seus conhecimentos, sua intelectualidade, ainda ocorrem com professoras em todo o mundo. Entre imposições, ausências e interrogações, Gloria Jean Atkins coloca-se em narrativas para alcançar uma formação integral e humana. Ao criar bell hooks, e erguer sua voz (2019), a professora percebe-se (não só se olha: se enxerga, se escuta, se move, sente e reflete) e nos brinda com diversos textos que, neste artigo, trazemos para a formação de professores.

Sabemos que o espaço acadêmico, em especial a formação de professores, vem alargando-se com o acesso de pessoas e suas diversidades - gênero, sexualidade, raça, etnia, geração, localização geográfica, dentre tantas outras. Entretanto, os currículos, disciplinas, conceitos e bibliografias ainda persistem em um conservadorismo alarmante sobre o tipo de formação que o professor deva encontrar: como incluir as especificidades? Como trazer mais temáticas transversais? Como fazer uma prática transgressora de limites já tão conhecidos? Entre tantas angústias de um mundo contemporâneo tecnológico e sem tempo, aqueles que se propõem a uma formação para professores são sufocados por demandas institucionais.

Apresentamos o texto sem determinar nenhuma derradeira discussão, queremos o movimento da ciência pensante (Castoriadis, 1982), em duas partes: em ‘quem você pensa que é?’, ademais da apresentação de Gloria e bell, a provocação ouvida por populações marginalizadas com intuito de imputar um lugar de subalternidade e que também é provocativo ao levante. Levante de voz e de vez, em busca de si, a fez pensar em outras mulheres, outras vidas, outras possibilidades e, principalmente, na não necessidade de um único lugar. Abraçar

a diversidade desde de si até a dos outros, mesmo dos mais diferentes em situação ou em opinião.

Disso, em ‘Ensinando...’ pontuamos as reticências nesse contínuo trajeto de ser, entre ser professora, ser negra, ser mulher, ser escritora, ser Gloria, ser bell. As lutas dos direitos civis, dos feminismos, da academia, das escutas de brancos e de homens, de estudantes e operárias. Aprender com o brasileiro Paulo Freire em uma Universidade nos Estados Unidos e, nesse ensinar aprender, discordar e admirar.

Com isso, encerramos - não nos é possível - com mais anseios que considerações, que nos mostram ‘enfim, quando a história de uma vida e luta é formação para a docência’, o caminho que foi aberto e pode ser pista para muitas/os jovens e licenciandas/os que se encaminham na docência. As diferenças, identidades e deslocamentos na contemporaneidade: perspectivas interdisciplinares, são possibilidades de transgressão ensinadas por bell hooks, mas demandam atitudes corajosas para serem seguidas. Aqui fazemos um convite, dizendo que se a vida, as narrativas, de bell hooks que até nós chegaram nos moveram, poderá mover mais professores em formação.

Quem você pensa que é?

A menina com crespos de rainha, tinha que ser sorridente, doce, silenciosa, obediente e agradável.

Como a mamãe, controlar seus impulsos selvagens e criativos; obedecer e seguir as regras.

A menina com crespos de rainha...

Morava onde todos pareciam com ela: em cor, em voz e em vez. Mulheres - seres tagarelas e barulhentas - podiam apenas sussurrar.

A menina com crespos de rainha...

Queria viver, ser ouvida e escrever. Talvez ir um pouco além... Fazer diferente...

A menina com crespos de rainha, nem sempre era feliz.

Por vezes soltava grunhidos mal humorados que nem a dança de seu irmão ou um lar amoroso acalmavam.

A menina com crespos de rainha tinha uma bisavó - ah, que mulher!

Falava tudo, falava alto e falava com todos, como um sino a badalar: “bell, bell, bell”.

A menina com crespos de rainha...

Por vezes sentia-se pequenina. E esse sentimento fazia crescer dentro de si uma enorme interrogação:

Quem sou eu?

Começamos a pensar bell hooks inspiradas pela sua literatura infantil, apresentando: Meu crespo é de rainha (*Happy to Be Nappy*), Minha dança tem história (*Be Boy Buzz*), A pele que eu tenho (*Skin Again*), Ranheta ruge rosna (*Grump Groan Growl*) e *Homemade love* (sem tradução para o português) e; acrescido de detalhes que podem ser encontrados - entendidos e subentendidos - em *Erguer a voz* (*Talking Back*).

Gloria Jean Atkins nasceu em 1952 no Kentucky (EUA) durante a política de segregação. Estudante aplicada, fez parte de sua formação inicial em uma escola só para negros onde, conforme seus depoimentos, teve o fortalecimento de sua negritude. Fortalecimento que ela retomava desde a ida para uma escola integrada até seus últimos escritos.

A família de Gloria era religiosa e conservadora, onde as mulheres mantinham-se submissas aos homens. Ainda pequena, Gloria ouvia as conversas das mulheres em sua casa e na igreja, isso a fez pensar que poderia conversar com todos de qualquer forma. Era duramente criticada pela família, castigada, ferida para ter seu “espírito quebrado”. Gloria recorreu à escrita como acalento, porém, seguidamente era entregue pelas irmãs, tendo seus lugares de guarda-secreto revirados e sofrendo castigos físicos (bell hooks, 2019).

É difícil falar dos meus pais e do impacto deles em mim, porque eles sempre se sentiram receosos, ambivalentes, desconfiados das minhas aspirações intelectuais, mesmo que tenham sido cuidadosos e acolhedores. Eu quero falar sobre estas contradições porque examiná-las, buscando resolução e reconciliação, tem sido importante para mim, pois tanto afeta meu desenvolvimento como escritora, meu esforço em ser totalmente autorrealizada, quanto meu desejo de permanecer próxima da família e da comunidade, que me forneceram a base de boa parte do meu pensamento, da minha escrita e do meu ser (bell hooks, 2019, p. 117).

Na escola a boa aluna resolveu seguir a carreira de professora. Mais tarde, quando tornou-se, descobriu que nunca quis ser professora. Mas para meninas negras do sul só haviam três opções de destino: casamento, emprego em casas de brancos ou, para as inteligentes, ser professora. Essa inteligência e a carreira também demarcavam o destino romântico-afetivo: não casar, pois “homens não gostam de mulheres inteligentes”. Além disso, a escolha por uma universidade de renome, longe de casa, era preocupante.

Meus pais não ficaram felizes por eu ter sido aceita e se opuseram intransigentemente a que eu fosse para tão longe de casa. Naquele momento, eu não via a oposição deles como uma expressão do medo de me perderem para sempre. Como muitas pessoas de classe trabalhadora, eles temiam o que a educação universitária poderia fazer com a mente de seus filhos mesmo que reconhecessem, sem nenhum entusiasmo, sua importância. Eles não compreendiam por que eu não queria cursar uma faculdade nos arredores, uma faculdade só de negros. Para eles, qualquer faculdade servia. Eu me formaria, me tornaria professora, teria um emprego decente e um bom casamento. E, embora eles, céticos e relutantes, aceitassem minhas empreitadas educacionais, também, constantemente, teciam duras e amargas críticas (bell hooks, 2019, p. 118).

Embora essas narrativas se referem aos anos 1970, ainda encontramos muitas estudantes diante de “destinos” pouco atraentes. Adentrando na graduação, por vezes, ainda, “a universidade e a sala de aula começaram a se parecer mais com uma prisão, um lugar de castigo e reclusão e não de promessa e possibilidade” (bell hooks, p. 2013, p. 13). Ter a sala de aula como objeto de ódio durante a graduação mostra uma das muitas contradições que bell hooks escreve como meio de analisar as experiências que a levaram a ser professora. Hooks lembra que a visão dos professores na universidade a fez saber a professora que não seria. Nesse lugar ela retoma as memórias de sua escola, só para negros, onde eram desafiados a enfrentar o que estava instituído. Não é porque existia uma lei de segregação que deveria se conformar, era necessário questionar para ações estratégicas.

Independente das questões raciais e de gênero, ou a localização geográfica, mas fortemente marcadas por todos esses tópicos, as vivências da estudante Gloria Atkins na sua formação de professora aproximam-se de muitos estudantes na formação inicial em licenciaturas no Brasil. Há muito tempo, mas em especial com a seleção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (Brasil, 1998), jovens saem de suas cidades e regiões para estudar e se profissionalizar em outras partes do país. Enquanto alguns são estimulados, outros são desencorajados a essa travessia e todos sofrem pressão na adaptação em novas terras e culturas, longe de casa, longe dos seus pares.

Neste texto sobre formação de professores, precisamos, brevemente, questionar os mitos que seguem em “terra brasilis⁴”. Com as políticas de expansão do Ensino Superior, das

⁴ Terra Brasilis, terrabrasilis, é o nome dado ao mapa de Pedro Reinell e Lopo Homem desenhado em 1519 (*Terrae Incognitae*) que, além da costa brasileira, permitia “inventar” a descrição cartográfica do interior mitológico da

Universidades e Institutos Federais e o aumento de estudantes de classes e regiões antes desfavorecidas (interior, pouco povoadas, de difícil acesso, etc), tensões reacenderam discussões sobre meritocracia e meios de acesso à educação superior (graduação e pós-graduação). Essas tensões escancaram um Brasil multicultural e, mesmo assim, intolerante e xenofóbico com algumas regiões.

No caso brasileiro, a socióloga e psicanalista Caterina Koltai (2017) lembra que o processo de colonização já estruturou o conceito de estrangeiro como “corpo-estranho”; onde o invasor é “corpo-estranho” ao mesmo tempo que este invasor, com sua auto-visão de ser universal, impõe ao indígena (já ao nomeá-los) o seu conceito de “corpo-estranho”. A imposição desta diferença como hierarquia para dominação também determina que, quanto mais se aproximam, mais destacam-se essas diferenças.

Essa discussão, psicanalítica, fez parte de um projeto-pesquisa de dois anos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que discutiu a imagem do gaúcho (como se vê, como vê o outro e como o outro o vê). Diversos projetos e ações tentaram mostrar esse senso (mítico) de superioridade ou diferenciação autoproclamada por grande parte da população do Rio Grande do Sul. O estudo buscou na história, nas artes (cênicas, visuais, fílmicas, etc), na política, na educação, as razões desse sintoma de superioridade e encontrou, entre adeptos e contrários, além do narcisismo sulista, a provocação para o acolhimento. Nas palavras de Koltai,

A psicanálise, ocupa justamente esse lugar entre eu e o outro, uma cultura e outra, um vivido e outro, entre uma sensibilidade e outra. No espaço de uma psicanálise entre o outro, meu semelhante e o Outro, deparamo-nos sempre com um outro que eu não conheço, que provavelmente jamais conhecerei, mas com o qual posso tentar comunicar. Todo novo analisante zera, se assim posso dizer o taxímetro, pois toda análise começa com o analista sabendo que nada sabe, mas que talvez, através da fala, das lágrimas e dos sofrimentos, o saber possa ser elaborado (2017, p. 313).

Trazemos o sul, especificamente o Rio Grande do Sul, ao tratarmos de tensões geográficas por ser a região que mais escancara a diferença como motivador de preconceitos e

terra desconhecida, com direito a dragões, Amazonas e gigante (Revista Carbono: <https://encurtador.com.br/B7NuP>).

casos que vão contra preceitos éticos e de direitos humanos. Não todos os sulistas, mas escrevemos como pesquisadoras que entendem que no Brasil, além das questões geográficas, outras ideologias fomentam as desigualdades. Concordamos com Sueli Carneiro, que a busca de um ser humano universal - e esse parâmetro é sobre o ser humano macho, branco, cis-hétero - amplia as desigualdades, entre as ideologias:

o patriarcalismo que, ao instituir como natural a hegemonia do sexo masculino, justifica todas as formas de controle, violência e exclusão social da maioria dos seres humanos que pertencem ao sexo masculino; o elitismo classista determinado por modos de produção que instituem classes minoritárias abastadas, que submetem e exploram maiorias despossuídas; a homofobia decorrente da imposição da heterossexualidade como forma exclusiva de relacionamento afetivo e sexual e a condenação arbitrária, muitas vezes violenta, do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo; o fundamentalismo religioso responsável por grande parte dos martírios ocorrido na história da humanidade, em que cada denominação religiosa, ao buscar impor o seu Deus aos outros, transformam-no, paradoxalmente, em uma das principais fontes de intolerância do mundo; o racismo que, ao eleger que um grupo racial é superior ao outro, provoca a desumanização de grupos humanos, justificando as formas mais abjetas de opressão, tais como a escravidão, os holocaustos e genocídios e a discriminação étnica e racial (Sueli Carneiro, 2019, p. 137).

Em todas as suas obras publicadas no Brasil, bell hooks traz a proximidade de seus temas e partes de sua vida se entrelaçando com o sentido de mostrar-se humana. Sabemos que as traduções têm seus “deslizes” de significação, entretanto diversos estudos relatam a proximidade das histórias de pessoas negras. Afinal, o começo é em África e o sequestro foi a corrente que carregou milhões de histórias pelo oceano até as Américas. “O Tráfico negreiro é considerado, por sua amplitude e duração, como uma das maiores tragédias da história da humanidade”; no Brasil, “o brasileiro de ascendência africana, ao contrário dos brasileiros de outras ascendências (europeia, asiática, árabe, judia, etc), ficou por muito tempo privado da memória de seus ancestrais” (Kabengele Munanga; Nilma Lino Gomes, 2016, p. 18).

Ao lembrar sobre a sua formação, bell hooks (2019, p. 99) explica que “transferindo-me com frequência, frequentei várias pós-graduações; mas, finalmente, terminei meu trabalho na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, onde encontrei apoio, apesar do predomínio do racismo e do machismo”. Contudo, em uma época onde ações afirmativas

ocorriam nos Estados Unidos, estudantes brancos hostilizavam as minorias aptas a tais ações, visto que estas estariam ocupando empregos em Universidades. “Ironicamente, ninguém jamais reconheceu que nunca tivemos aula com nenhuma dessas mulheres negras que estavam pegando todos os empregos” (bell hooks, 2019, p 99).

Hostilidades racistas, que, no Brasil, Sueli Carneiro (2019) descreve com o caso ocorrido com a juíza Luislinda Valois Santos:

Certo dia, um professor pediu um material de desenho. Com muito custo, o pai de Luislinda conseguiu comprar um, meio remendado. Bastou o professor ver o material para magoá-la para sempre. Disse ele: “Menina, deixe de estudar e vá aprender a fazer feijoada na casa dos brancos”. Ela chorou e ainda se emociona quando relembra, 58 anos depois, desse fato. Mas tomou coragem e retrucou o professor: “Vou é ser Juíza e lhe prender. A primeira parte ela cumpriu. Em 1984, a baiana Luislinda Valois Santos tornou-se a primeira juíza negra do país. Não à toa, também foi quem proferiu a primeira sentença de racismo no Brasil (p. 281).

Sueli Carneiro descreve esse “causo” de aparência insólita como cerne do imaginário social (Castoriadis, 1982) onde a servidão do negro é naturalizada. Entre outros imaginários, bell hooks retrata o imaginário da limitação intelectual de negro ao relatar que,

Durante meus anos na pós-graduação, eu temia falar cara a cara com professores brancos, especialmente homens brancos. Eu não desenvolvi esse medo na graduação porque nas universidades se assumia simplesmente que estudantes negros, principalmente estudantes negras, não eram espertos o suficiente para fazer pós-graduação (2019, p. 93).

Retomando a expectativa familiar e o que a universidade propunha à jovem Gloria Atkins, a graduação servia para formar uma professora em literatura inglesa. Uma professora que dá aulas - você só dá aulas?⁵ -, ou seja, planeja aulas de acordo com a grade curricular, aplica provas, frequenta reuniões. Bell hooks nunca quis ser professora. Para jovens como Gloria Atkins ser professora era a melhor alternativa. Embora ela soubesse que queria mais,

⁵ Provocação do Documentário curta-metragem ‘Você só dá aula?’, que mostra os impactos do cotidiano escolar na saúde de nove professores (<https://www.youtube.com/watch?v=S5KBGn0Slik>).

desde a escolha por uma universidade renomada, aos aprendizados diversificados que buscava e ao desejo de ter a escrita como central na sua vida.

Frequentemente, novas escritoras descobrem que cursos de escrita criativa oferecem uma atmosfera positiva onde seus trabalhos serão lidos, criticados, encorajados. Mulheres negras que cursam universidades podem e realmente encontram nesses cursos um lugar de fortalecimento das habilidades de escrita criativa. Entretanto, estudantes negras raramente estão presentes nesses cursos. [...] A promissora jovem escritora negra que precisa trabalhar para se sustentar ou para ajudar a sustentar a família quase nunca encontra energia ou tempo para se concentrar e desenvolver sua escrita (bell hooks, 2019, p. 207).

A Universidade de Stanford, localizada na Califórnia, estado mais rico dos Estados Unidos, tem estudantes de classes mais altas. Ali, Gloria Atkins buscava uma formação sem se afastar da sua história. Em geral, segundo seus escritos, os estudantes não discutiam questões de classe social para evitar isolamento e repressão nas conquistas acadêmicas. Para ela, “ter consciência das diferenças de classe, nutrir vínculos com pessoas pobres e da classe trabalhadora que são nossos parentes mais íntimos, nossos companheiros na luta, transforma e enriquece nossa experiência intelectual” (bell hooks, 2019, p. 128). Uma preocupação constante que bell hooks registrou em suas obras foi o de mostrar o pertencimento, que, em outras palavras - porque ela escreveu de várias formas - esteve em não abandonar seu passado simples, interiorano do sul negro dos Estados Unidos.

Mamãe começa. Brava com seus filhos, especialmente com aqueles que sussurram pelas suas costas, ela diz, amargamente: “a infância de vocês não pode ter sido tão ruim. Vocês foram alimentados e vestidos. Não tiveram que viver sem nada — isso é mais do que muita gente tem e eu simplesmente não suporto a maneira como vocês levam a vida”. A dor na voz dela me entristece. Eu sempre quis proteger minha mãe da dor, diminuir seus fardos. Agora eu sou parte do que a incomoda. Ao me confrontar, ela diz em tom de acusação: “não é como as outras crianças. Você fala demais sobre o passado. Você não ouve e pronto”. E eu realmente falo. Pior, eu escrevo sobre isso (bell hooks, 2019, p. 116).

Esse encanto pelo passado, serviu nos momentos em que a formação universitária ficou quase insuportável. Quase, pois Gloria Atkins não iria desistir após rebelar-se contra a família. O que restava era encontrar maneiras de permanecer na graduação. Nos Estados Unidos ainda

existem universidades de tradição para pessoas negras. Stanford não é uma delas. A literatura inglesa na graduação oferecia poucas autorias femininas, basicamente os homens dominavam a bibliografia das aulas. Negros não estavam ali. Buscando temas feministas, a estudante começa a frequentar reuniões, grupos e aulas, onde

Foi na minha primeira aula de estudos sobre mulheres, ministrada por Tillie Olsen, que notei a total ausência de material feito por mulheres negras e de qualquer discussão sobre elas. Comecei a me sentir distante e alienada do enorme grupo de mulheres brancas que celebravam o poder da “irmandade”. Não conseguia compreender por que elas não percebiam ou não se importavam com as “ausências”. Quando confrontei nossa professora, ela mostrou arrependimento e começou a chorar. Eu não me abalei. Não queria simpatia, queria ação (bell hooks, 2019, p. 214).

Bell hooks destaca que o questionamento não é um ataque, “mas porque nós vamos para essas aulas esperando ganhar conhecimento, fortalecer nossa consciência sobre nossa história e nossas lutas” (2019). Ainda hoje, ao questionarmos um currículo eurocentrado, as pessoas brancas tendem a fechar-se em seu pacto narcisista⁶ evitando a autorreflexão crítica de sua branquitude. Em desespero por conhecimento, ainda Gloria, bell hooks encontrou apoio para a luta feminista em seu companheiro, um homem negro que incentivava a colocar no papel suas pesquisas desde suas indignações:

Aos dezenove anos, vinda de uma pequena cidade do Kentucky, nunca me imaginara com o poder de definir minha realidade social, dando voz na forma escrita aos meus pensamentos sobre a experiência da mulher negra com o machismo. Essas autopercepções foram moldadas pelo racismo e pelo machismo. Meu desejo de encontrar fontes que pudessem explicar a experiência da mulher negra (especialmente minha ideia de que livros escritos por pessoas brancas poderiam conter tal informação) é precisamente um reflexo da socialização de grupos explorados e oprimidos numa cultura de dominação. Nós aprendemos que não temos o poder de definir nossa própria realidade ou de transformar estruturas opressivas (bell hooks, 2019, p. 215).

⁶ Cida Bento, em sua obra ‘O pacto da branquitude’, aponta, na manutenção do sistema de privilégios da branquitude “um componente narcisístico, de ‘autopreservação’, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito” (2022, p. 18).

Aos dezenove anos, ainda na graduação, Gloria Atkins inicia a escrita de seu livro *Ain't I a Woman* (Eu não sou uma mulher?), título inspirado pelo discurso de Sojourner Truth⁷. A escrita tinha uma base acadêmica, sociológica, com pouca identificação sobre o público para quem escrever. O trabalho concomitante com os estudos dificultou o progresso do livro, entretanto, o fato do trabalho ser em conjunto com mulheres negras fez sentir um grande apoio para a escrita - “o tipo de apoio que eu não tinha encontrado no ambiente universitário” (bell hooks, 2010, p. 217). Provavelmente, ali foi o único lugar de encorajamento, pois nos seis anos seguintes o manuscrito foi rejeitado. Embora tenha publicado livros acadêmicos, como professora e estudante de pós-graduação, o livro do seu coração (*Ain't I a Woman*) enfrentava barreiras:

Quando a mulher branca editora da South End, que estava trabalhando com o manuscrito, falou comigo sobre o livro pela primeira vez, disse que os membros do coletivo sentiam o livro em um tom muito raivoso e estavam preocupados com que não tivesse uma inclinação positiva. Respondi que eu não estava com raiva, apenas tinha escrito de forma direta e objetiva, como é o modo costumeiro da fala da minha família negra do sul dos Estados Unidos. Nossas diferentes percepções da implicação da minha fala, do meu tom, eram importantes indicadores da forma como raça e classe moldam nossas maneiras de falar e ler (bell hooks, 2019, p. 219).

É nesse modo de dizer o que pensamos, que bell hooks levou para as escritas e que junto carregamos mostrando o lugar de onde viemos. O tom, ritmo e timbre de nossas primeiras noções de comunidade fica registrado em nossas escritas, eles são as marcas dos discursos que dizemos em voz alta. Sobre o modo de falar, concordamos que

Muitas pessoas negras sinceras passam por experiências nas quais as paixões, a intensidade e a convicção em nossa fala são interpretadas como raiva por ouvintes brancos. Acho que esse é o caso especialmente em culturas nas quais as pessoas não falam de forma direta. E, quando se fala diretamente e também se é crítico, pode-se ser visto como uma expressão de hostilidade. Isso tem a ver com a atitude com relação à crítica que predomina em nossa sociedade. Infelizmente, a maioria das pessoas sente a crítica como algo negativo,

⁷ Nome dado à intervenção de Sojourner Truth (pseudônimo de Isabella Van Wagenen) durante o *Women's Rights Convention*, em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Texto da intervenção (discurso) e informações disponíveis em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>.

dirigida a diminuir o que quer que esteja sendo criticado (bell hooks, 2019, p. 219).

Também percebemos que, enquanto bell hooks defende essa fala direta e crítica em seus escritos (que demoraram seis anos), ela acorda o silenciamento de estudantes vindos de grupos minorizados (raça, gênero, sexualidades, classe, etc) da graduação, que é muito comum, inclusive relatado por ela própria. Daqui pensamos em duas tensões: o uso do pseudônimo e a prática de escrever sobre suas experiências.

O “medo de dizer a coisa errada” ou entendemos, o medo de não ser ouvida, fizeram com que Gloria Atkins, na escrita de seu livro do coração, buscasse uma força para mostrar ao mundo (a quem quisesse ler, já que Gloria ainda sussurrava) sua escrita direta sobre mulheres negras. O medo, “esse fator inibidor age suprimindo e reprimindo a criatividade tanto em termos de pensamento crítico quanto de expressão artística” (bell hooks, 2019, p. 230). Para ter vez e voz, um nome familiar que representasse a rebeldia, escrito em letras minúsculas, pois o nome não era “todo” seu, foi tomado: “tornou-se um símbolo do que eu poderia me tornar, tudo o que meus pais nunca esperaram que a pequena Gloria fosse” (bell hooks, 2019, p. 231). Em sua autobiografia, bell hooks explica que,

No final, não me senti como se tivesse matado a Gloria da minha infância. Em vez disso, eu a resgatei. Ela não era mais o inimigo dentro de mim, a garotinha que tinha de ser aniquilada para a mulher poder existir. Na escrita sobre ela, reivindiquei aquela parte de mim que eu tinha há muito tempo rejeitado, abandonado, justamente como ela se sentiu muitas vezes: sozinha e abandonada quando criança. Recordar era uma parte do ciclo de reconciliação, da junção de fragmentos, “os pedacinhos do meu coração” que a narrativa fez inteiro novamente (bell hooks, 2019, p. 226).

A coragem de uma escrita intimista é central nas experiências formativas que bell hooks estimula para uma educação libertadora: “geralmente, aquela reunião de ideia, teoria e experiências pessoais em comum era o momento em que o abstrato se tornava concreto, tangível, algo ao qual as pessoas poderiam se agarrar e que poderiam levar junto com elas” (bell hooks, 2019, p. 24). Quanto às críticas pela forma pouco “intelectualizada” de seus textos, ela afirmou que: “meu objetivo como pensadora e teórica feminista é pegar aquela abstração e articulá-la numa linguagem que se torne acessível, não menos complexa ou rigorosa, mas

simplesmente acessível” (bell hooks, 2019, p. 71). Transgredindo a educação e ensinando outras perspectivas ela nos provoca a contar sobre nossas experiências.

Muito dessa educação começa de fato com a análise do eu a partir de uma perspectiva nova e crítica. Para este fim, confissão e memória podem ser usadas de forma construtiva para iluminar experiências passadas, particularmente quando tal experiência é teorizada. Usar a confissão e a memória como meios para nomear a realidade permite que mulheres e homens conversem sobre experiências pessoais como parte de um processo de politização que posiciona tal conversa num contexto dialético. Isso nos permite discutir sobre a experiência pessoal de uma maneira diferente, de uma maneira que politiza não só a narração, mas também a narrativa. Ao teorizar a experiência enquanto contamos narrativas pessoais, teremos um sentido mais afiado e aguçado do objetivo que é desejado pela narração (bell hooks, 2019, p. 162).

Tensões de uma professora que escreve sobre sua infância, as lembranças da família, sua formação e em cada e todos esses momentos, a narrativa de suas inquietações. Nos textos e nas obras de bell hooks, muitas vezes os momentos se repetem sob diferentes perspectivas, dependendo do objetivo do seu tema (educação, feminismo, amor, etc) e do tempo. Não há uma demarcação óbvia de tempo, porque na sua escrita o tempo é dispositivo de maturação da experiência, aceitando o processo de imaturidade, anseios, medos, coragem, fuga, luta e amor. Para nós, isso é uma forma realista de viver a formação. Um exemplo de educação libertadora.

Ensinando...

Não podemos entrar na luta como objetos para nos tornar sujeitos mais tarde.
Paulo Freire, por bell hooks

Para bell hooks, “a escola pública é a formação educacional necessária para todo mundo”, além disso, completa que “todas as pessoas que sabem ler e escrever têm as ferramentas necessárias para acessar um aprendizado superior, mesmo que ele não possa acontecer (e mesmo que de fato não aconteça) em um ambiente universitário” (2021, p. 62). Apenas essas duas afirmações a colocam entre uma das educadoras (e incluímos os homens também dedicados à educação) mais transgressoras que temos acessado nos últimos anos.

Embora seus escritos venham desde a década de 1980, o Brasil ainda está descobrindo, na maioria, ligados à educação das relações étnico-raciais (ERER).

Óbvio que a ERER, imposta na legislação⁸ brasileira pela insistência do Movimento Negro⁹, tem suma importância em um país colonizado fundado com base religiosa europeia e que ainda insiste em mitos de pacificidade, da democracia racial, da liberdade sexual, entre tantos outros delírios, hipocrisias, discursos e políticas conservadoras que crescem (e sempre estiveram) na sociedade do Brasil. Tanta importância que deveríamos ter maior presença de estudos (e estudiosas) que, mesmo demarcando sua identidade, abarcam aprendizados que, em nosso entendimento, enriquecem, no caso dessa discussão, a formação de professores. Ensinando a transgredir, bell hooks explica:

Para mim, o “pensamento crítico” era o elemento primordial que permitia a possibilidade da mudança. Partilhei apaixonadamente minha crença de que, independentemente de classe, raça, gênero ou posição social, sem a capacidade de pensar criticamente sobre o nosso ser e nossa vida ninguém seria capaz de progredir, mudar, crescer. Em nossa sociedade tão fundamentalmente anti-intelectual, o pensamento crítico não é encorajado. A pedagogia engajada foi essencial para o meu desenvolvimento como intelectual, como professora, pois a essência dessa abordagem ao aprendizado é o pensamento crítico. Um estado de abertura radical existe em qualquer situação de aprendizado em que os alunos e os professores comemoram sua capacidade de pensar criticamente, de se dedicar à práxis pedagógica (bell hooks, 2013, p. 266).

Em seu livro ‘Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade’ (*Teaching to transgress*), hooks revela seu não desejo pela docência, mas o aceite e a sua proposição em ser uma professora que estimula o pensamento crítico. Sem fazer disso uma saga, ela (se) expõe o cansaço, as decepções e o desânimo em diversos momentos em sala de aula (bell hooks, 2013). O que não a paralisou e, muito provavelmente, fez de seu hábito de escrita uma revisão às suas práticas, como modo de reinvenção e autoformação.

⁸ Lei 10639/2003, alterada pela Lei 11645/2008, que ainda se refere à primeira, tamanho o impacto, embora a alteração tenha tirado a “legalidade” da primeira, quando ampliou. Portaria nº 470, de 14 de maio de 2024 - Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ).

⁹ Há vasta literatura sobre o tema e, mesmo antes de ser nomeado, o movimento da população negra lutava em diversas frentes para a educação. Destacamos, para saber mais, o Parecer CNE 03/2004 e o livro O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.

Reinvenção que a fez a professora que queria transgredir, afinal sempre amou a sala de aula, da infância até seu fim, com os entusiasmos e decepções, com a energia inventiva e o cansaço profissional. Já renomada, bell hooks dizia estranhar mas entender que seus leitores - a maioria da academia - não dividiram seu sentimento entusiasta da escrita sobre ensinar e estar aberta a mudanças. E, ao concordarmos que “todos nós sabemos que, quando tratamos em sala de aula de temas acerca dos quais os alunos têm sentimentos apaixonados, sempre existe a possibilidade de confrontação, expressão rigorosa das ideias e até de conflito” (bell hooks, 2013, p. 56); pensamos a formação de professores,

Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É desse movimento que se transforma a educação na prática da liberdade (bell hooks, 2013, p. 23).

Em uma análise sobre as pesquisas em Programas de Pós-Graduação em Educação com notas 7 no Brasil, o professor Julio Diniz-Pereira aponta “pesquisas narrativas de/com professores, [...] Análises de trajetórias profissionais de professores/as (educadores/as), Pesquisas sobre aprendizagem da docência, Pesquisas sobre construção das identidades profissionais docentes” como emergentes no campo da Educação; enquanto “Pesquisas sobre docência/formação de professores e relações de gênero, Pesquisas sobre formação de formadores, [...] Pesquisas sobre docência/formação de professores e relações étnico-raciais” como lacunares, ou seja, com escassos estudos (2024, p. 42-43).

A pesquisa envolveu estudos de 2006 a 2015 em três universidades: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Um dos achados na pesquisa foi que experiências e projetos de iniciação à docência influenciam a construção das temáticas, onde os estudantes e professores iniciantes buscam praticar o que não tiveram na docência (Diniz-Pereira, 2024).

E quando se escolhe o que experienciar? Afinal, tantos os temas emergentes como os lacunares apontados na pesquisa, mostram que “a narrativa inventora do mundo, a partir do advento da modernidade ocidental, produz presença em detrimento do esquecimento”. A

história que nos faz lembrar de grandes e pequenos feitos no mundo (ocidental) afora é “um ofício de tecer narrativas, investe fortemente sobre o esquecimento” (Luiz Rufino, 2019, p. 14). E não podemos esquecer que, na formação de professores, outras narrativas, em especial de mulheres, continuam acontecendo.

Em 2024, uma coletânea escrita por vinte e duas professoras e um professor, sobre professoras, nos revigora em lembranças de histórias de docentes mulheres:

Afinal, à medida que a educação se expressa a partir de um contínuo, a memória e a história da docência desempenham um papel fundamental na promoção da reflexão crítica sobre práticas educacionais e em como a formação enfrenta os desafios atuais. Ao olhar para trás, podem-se avaliar o caminho percorrido e os direitos conquistados (e os perdidos), reconhecer desafios persistentes e identificar caminhos para o enfrentamento no campo formativo (Wunsch et.al., 2024, p. 60).

Esta construção de um livro sobre formação de professores, com saberes sobre professoras, interseccionando gênero e profissão corroboram para as “relações de mudança” e a “cristalização de ações” (Azambuja; Bald, 2007 p. 47). Viver a realidade e suas mudanças como um instituinte para a formação do professor crítico que desloque, com isso, seus próprios posicionamentos, ou seja,

Nesse contexto de formação e de movimento social, o profissional da educação deve ter claro não só que é agente de mudança, mas também os objetivos da Educação, fazendo da relação pedagógica uma ação de transformação. Isso implica uma prática coerente com um discurso compromissado com o social, inclusive porque os processos formativos dos futuros formadores são orientados e/ou decorrentes da relação entre educadores-educando (Azambuja; Bald, 2007, p. 47).

Por isso, enxergamos na formação dos futuros professores, a chave dessa proposta. E assim como estudos sobre narrativas são apontados como dispositivos de formação pessoal, coletivo, cultural, social e profissional por Josso (2007), a autora lembra que “todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros)”. Nesse sentido,

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (Josso, 2007, p. 414).

Ao falar suavemente sobre a influência de Paulo Freire sobre si, bell hooks explica que conheceu a obra do autor brasileiro em um momento de desespero pessoal e acadêmico, sua dor era intensa e os escritos de Freire foram água para alguém sedenta. Enquanto professora iniciante, fazendo pós-graduação, descrente do modo em que a universidade absorvia - intelecto e emocionalmente - os estudantes sem considerar suas vivências, bell hooks começa sua leitura de Paulo Freire sem deixar de perceber que ele não demarcava nem gênero nem raça. Em seus textos, hooks fala que o fato de estar sedenta, a fez valorizar os ensinamentos de Paulo Freire, o que definitivamente não garantiu eximir-se de questioná-lo diretamente.

Em boa parte da obra de Paulo há um espírito generoso, uma qualidade de mente aberta que sinto estar frequentemente ausente dos meios intelectuais e acadêmicos na sociedade norte-americana, e os círculos feministas não têm sido exceção. É claro que Paulo parece ficar mais aberto à medida que fica mais velho. Eu também, à medida que envelheço, me sinto mais fortemente comprometida com uma prática de abertura da mente, uma disposição a receber críticas, e acho que nossa experiência mais profunda do fascismo no mundo, até no círculo os chamados “liberais”, nos lembra que nossa vida, nosso trabalho, deve ser um exemplo. Nas obras de Freire dos últimos anos há muitas respostas às críticas dirigidas aos seus escritos. [...] Aprendi com esse exemplo, aprendi a ouvir sua disposição de lutar de modo não defensivo nos textos publicados, especificando suas deficiências de visão, suas mudanças de pensamento, suas novas reflexões críticas (hooks, 2013, p. 77).

Entre os ensinamentos, talvez, ainda transgressor seja pensar metodologias e epistemologias compartilhadas, que se complementam, adaptam-se, acrescentando perspectivas em contextos locais, mais aproximados e principalmente carregadas de afetos.

Enfim, quando a história de uma vida e luta é formação para a docência

Na formação por uma docência que vai atravessando tempos de mínimas aberturas, rachaduras vazam possibilidades que modificam muitas vidas. As/os licenciandas/os que em leituras formativas tomam proximidade para conhecer a vida de bell hooks misturada à sua docência e luta social, têm modificado seu pertencimento a um fazer pedagógico implicado nas condições que as/os trouxeram até a escolha profissional. Por sua vez, a docência potencializa e encoraja milhares de crianças a começar a se conhecer e sonhar suas vidas. Que não sejam mais vidas como aquelas ausentes por não terem tido o direito à sua educação.

Os processos formativos se reescrevem por sentidos reinterpretados e compreendidos na vida de uma professora que veio a se ver neste lugar. A condição transgressora a si mesma e aos que pensavam limitar seus territórios de luta, de alcance de sua voz, foi a força movente na busca por palavras, em registros insistentes, de um cotidiano que atravessou anos de experiência, amadurecendo vontades de mudança. O exercício da escrita pode começar na escola, mas se não foi lá, que seja no curso de licenciatura, a dar sentido e força para trazer junto mais colegas, amigas/os, familiares a reescrever vontades, lutas e direitos conquistados, na profissão docente ou naquela que escolher.

As muitas mulheres negras, que hoje deixam nomes e fotos de conquistas social e cultural passando pela entrada em um curso de licenciatura, tem muito a fazer. Histórias como a de bell hooks vão atravessar e inspirar muitas gerações a reescrever suas histórias familiares e forçar a reescrita da descrição social que passam a refazer os significados e sentidos presentes nas matrizes curriculares de cursos de formação profissional. A importância das narrativas de vida que passam a multiplicar a busca pela similaridade de conquistas, e que bell hooks divulga em alta voz, impulsiona muitas outras vozes a gritar alto seus desejos de formação, forma coro e diz de uma coletividade que toma força e coragem.

Certas estamos da necessidade de revisitações de trajetos formativos para conhecer muitas outras histórias de experiências de professoras/es negras/os. Vamos refazer milhares de histórias depois de mais e mais ler e conhecer a história de muitas Gloria e bell. Hoje, nesta escrita, escritoras, pensadoras, romancistas, negras brasileiras, latino americanas, fortalecem nossas narrativas, atravessando gerações de leitoras ávidas de transformações. As

autobiografias precisam ser exercícios de contar-se e reconhecer-se na luta que produzem memórias, multiplicando registros sociais.

A bell hooks que fala para as crianças acorda um álbum de memórias de cada uma das professoras em formação e se metamorfoseia em novas histórias que vão se delineando como sonhos de profissão para mulheres como ela, em meio a famílias de uma sociedade que ainda reluta abrir espaços para uma democracia racial e étnica, como a que temos direito. Se a leitura soa incentivo, que seja na formação como processo - contínuo - flexível em aproximações a uma condição cada vez mais cheia de inspirações por mulheres atuantes na educação.

Referências

AZAMBUJA, Guacira de; BALD, Rosane. Formação docente e identidade: questões de nosso tempo! In.: AZAMBUJA, Guacira de (Org.). **Atualidades e diversidades na formação de professores**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. p. 47-58.

BRASIL, **Portaria MEC Nº 438, de 28 de maio de 1998**. Instituir o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p0178-0181_c.pdf. Acesso em 29 de maio de 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Capítulo 1. Tendências da pesquisa sobre formação de professores no Brasil: o estado do conhecimento. In: SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da; PEREIRA, Viviane Carrijo Volnei; SANTOS, Quêrem Dias de Oliveira (Orgs.). **A formação de professores: trajetórias da pesquisa e do campo epistemológico**. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 19-72.

HOOKS, bell. **Homemade Love**. Ilustração: Shane W. Evan's. New York: Jump At The Sun, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Ranheta Ruge Rosna**. Ilustração: Chris Raschka. Trad. Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2015.

HOOKS, bell. **Meu Crespo é de Rainha**. Ilustração: Chris Raschka. Trad. Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018.

HOOKS, bell. **Minha Dança tem História**. Ilustração: Chris Raschka. Trad. Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes: 2013.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Respondona**. Trad. Montserrat Asensio Fernández. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2023.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007

KOLTAI, Caterina. Parte II. In.: In.: BETTS, Jaime; ROBIN, Sinara. (Org). **Nós Outros Gaúchos**: as IDENTIDADES dos gaúchos em debates interdisciplinares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 304-313.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2.ed. São Paulo: Global, 2016.

WUNSCH, Luana Priscila; MARTINEZ, Flavia Wegrzyn Magrinelli; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Denise Catani: notas de leitura sobre memória, história e formação docente. In: TOZETTO, Susana Soares; RAUSCH, Rita Buzzi. **Formação de professores**: contribuições teóricas e metodológicas de mulheres pesquisadoras do Brasil. Joinville: UNIVILLE, 2024. p. 58-75.